

SET Pós-NAB 2026 consolida debate técnico sobre nova geração do audiovisual

Por Fernando Moura, em São Paulo

Painéis técnicos discutiram TV 3.0/DTV+, Inteligência Artificial e modelos híbridos de distribuição, conectividade, software, novos workflows e desafios regulatórios diante da evolução do ecossistema audiovisual.



A edição 2026 do SET Pós-NAB, realizada na quarta-feira, 5 de maio, no Distrito Anhembi, em São Paulo, reuniu representantes da radiodifusão, executivos de tecnologia e lideranças institucionais para uma análise aprofundada dos principais temas apresentados na NAB Show 2026, realizada em abril em Las Vegas. Com programação estruturada em painéis técnicos e estratégicos, o evento teve como eixo central a evolução da TV 3.0/DTV+, seus impactos sobre infraestrutura, workflows, modelos operacionais e publicitários, além do papel transversal da Inteligência Artificial na transformação do ecossistema audiovisual.

Na abertura institucional, a diretora-geral da SET, Luana Bravo, destacou o Pós-NAB como parte da missão estrutural da entidade, voltada à disseminação do conhecimento técnico e à articulação setorial. Segundo ela, o evento reflete o compromisso histórico da SET em “espalhar o conhecimento”. Ao comentar a NAB Show 2026, ressaltou que o Brasil teve protagonismo, com a presença de mais de mil profissionais brasileiros, além do destaque ao “novo padrão de TV 3.0”. Luana também mencionou a dimensão internacional do SET:30, com delegações da América Latina e de outros países, reforçando o papel da SET como

ponto de convergência técnica e institucional.

O presidente da SET, Paulo Henrique Castro, reforçou essa leitura ao destacar que a visibilidade do Brasil na NAB e no SET:30 decorreu não apenas da presença de empresas e profissionais, mas também da participação de representantes do governo e de agentes reguladores. Segundo ele, “tivemos uma atenção dos agentes públicos para a radiodifusão, o que nos colocou em relevância”, indicando a importância do diálogo institucional no contexto da transição tecnológica. Castro afirmou ainda que o Pós-NAB tem como objetivo estimular o debate crítico sobre o que chamou a atenção no evento internacional e quais impressões técnicas e estratégicas devem orientar o setor.



Infraestrutura conectada, convergência e distribuição híbrida na TV 3.0

O primeiro painel do evento, dedicado às “Atualidades no broadcast e a infraestrutura conectada”, abordou de forma técnica os impactos da convergência entre broadcast e broadband, com ênfase na distribuição de sinais, conectividade satelital, eficiência espectral e novos modelos de negócio associados à TV 3.0.

Na moderação, Tomaso D’Angelo Wantuil Papi destacou que “cada vez mais a TV está conectada, interligada, para ter um avanço tecnológico”, apontando a interdependência crescente entre redes, plataformas e arquiteturas de distribuição. Eliésio Silva Júnior observou que a TV 3.0 “faz uma união entre dois mundos que estavam separados, o broadcast e broadband”, destacando avanços como imersão de áudio e vídeo e melhorias na recepção indoor.

Ao detalhar a transição tecnológica, Silva explicou que o ecossistema deixa de operar exclusivamente em uma lógica linear para adotar fluxos baseados em DASH, aproximando-se de arquiteturas típicas do OTT. Segundo ele, a tecnologia passa a integrar desde a origem do sinal até uma “esteira de múltiplas possibilidades”, exigindo soluções híbridas capazes de operar em um ambiente convergente. Nesse contexto, ressaltou que a discussão central na NAB envolveu os modelos de negócios para a nova televisão, incluindo monetização com anúncios segmentados e inventário de CTVs.

O executivo também destacou a necessidade de convivência, por um período prolongado, entre a TV 2.5 e a TV 3.0, defendendo abordagens de “cross technology”. Nesse cenário híbrido, apresentou a ideia de um novo centro exibidor, com orquestração de sistemas, arquiteturas customizadas conforme o porte e o modelo de cada operador, tendo como eixo o MIMO, com impactos diretos na recepção, mobilidade e eficiência espectral. Segundo Silva,

na DTV+, o fluxo completo entre SDI, modulador e transmissor deve ser “transparente”.

Marcelo Amoedo, da SES, apresentou a abordagem da empresa para a distribuição híbrida de sinais via satélite, integrando conteúdo linear e sob demanda para diferentes plataformas. Ele explicou que o ecossistema SES 360 passou a incorporar não apenas DTH, mas também plataformas de streaming em OVP e projetos de free-to-view, apoiados no DVB-NIP. Segundo Amoedo, o DVB-NIP permite que o broadcast transporte serviços IP de forma nativa, opere como rede multicast IP em larga escala e se integre aos ambientes OTT, CDN e cloud. “Com este ecossistema conseguimos fazer inserção direta de anúncios com segmentação”, afirmou, destacando demonstrações realizadas durante o SET:30.

Encerrando o painel, Ricardo Calderon detalhou a contribuição da Eutelsat por meio da conectividade LEO da OneWeb, já utilizada para contribuição de vídeo. Apresentou soluções portáteis, de rápida implementação e com mobilidade, ressaltando a “resiliência híbrida e alcance global” da tecnologia. Segundo ele, o satélite “pode ser usado para alimentar a distribuição de TV 3.0”, ainda que, para a entrega direta ao consumidor, “ainda temos de esperar”, mencionando também a possibilidade de uso da Banda Ku para redução de custos de CDN.



Inteligência Artificial, software e interatividade como pilares da TV 3.0

O segundo painel aprofundou o debate sobre tecnologias emergentes, workflows baseados em

software e IA, retomando discussões do SET:30. Fernando Bonifacio (SBT) destacou que a NAB

evidenciou a entrada acelerada dos agentes de IA nos fluxos das emissoras, além da multiplicação de soluções em vídeo vertical, que “mudou a forma de assistir vídeo”.

Marcel Corrado (Google) afirmou que a IA já está integrada aos workflows e que o setor deixou de falar em equipamentos isolados para discutir fluxos e entregas. Segundo ele, “a TV 3.0 não traz apenas escala, mas sim valor”, ao permitir novas formas de relacionamento com o consumidor. Raphael Barbieri explicou que a IA já atua em processos como geração de legendas, associação de conteúdo a bancos de dados, análise de usuários e segmentação. Segundo ele, “o core da TV 3.0 é um conjunto de softwares”, operando em ambientes de containers e arquiteturas distribuídas.

Lopes (Mediastream) destacou a necessidade de orquestrar múltiplas IAs, afirmando que uma única solução não atende à complexidade dos fluxos atuais. Para ele, a IA “chegou à indústria” com aplicações práticas, capazes de acelerar processos e aumentar a flexibilidade operacional. Barbieri (EiTV) também explicou que o uso de

DASH na TV 3.0 permite otimização do uso de CDNs, datacasting e distribuição de arquivos de mídia dentro do próprio workflow broadcast.

No campo da publicidade e interatividade, Corrado destacou que o desafio está em transformar novos formatos interativos em modelos comerciais sustentáveis. “Temos de definir o CPM” e discutir o equilíbrio entre publicidade programática e venda direta, afirmou. Barbieri complementou que a interatividade já estará presente em grandes eventos, apoiada pela conectividade, CTVs e segunda tela, permitindo experiências como login na TV, menus interativos e participação do público.



Visão estratégica dos radiodifusores brasileiros

O painel de encerramento reuniu executivos brasileiros para analisar os impactos estratégicos das tendências observadas na NAB 2026. Moderado por Paulo Henrique Castro, o debate contou com representantes da Band, Record TV e Rede CNT. Thiago Perrella (Band) afirmou que o desafio está em “como reconstruir a partir do nosso legado”, enfatizando a transição para ambientes baseados em software e o papel da IA na otimização de processos. José Marcelo Amaral (Record) observou que, nesta edição, ficou mais clara a visão da TV como plataforma interativa, destacando o desafio de atrair o usuário de smartphone para a experiência na TV. Robson Tavares (CNT) apontou a necessidade de superar o modelo estritamente linear, mencionando evoluções em fluxos de dados, software e transmissão para dispositivos móveis.

Outro ponto destacado pelo executivo da Record foi a discussão sobre “como vai chegar o dinheiro a TV 3.0 e como vamos lidar com as plataformas de streaming”. Amaral também chamou atenção para um aspecto crítico observado no evento: a

necessidade de “uma orquestração definida”, com uma “programação, que irá além da grade”. Para ele, ainda faltam empresas capazes de ajudar o mercado a compreender esse novo cenário. “Quem será a empresa que olhará para a orquestração em sentido amplo?”, questionou.

A Inteligência Artificial permeou o debate final como elemento transversal. Tavares reconheceu que a tecnologia está mais madura, com aplicações voltadas à análise de vídeo e produtividade. Amaral destacou o uso de ferramentas de “fact check” como apoio ao jornalismo, enquanto Perrella citou o uso semântico para ganho de eficiência. Castro ressaltou a importância de ampliar o debate para além da tecnologia, defendendo a educação do mercado diante da convergência entre mundos ainda percebidos como separados. Ao final, os executivos reconheceram o potencial das soluções apresentadas, ressaltando a necessidade de amadurecimento técnico, definição de padrões e preparação do mercado para a consolidação da TV 3.0/DTV+.